



O eleito

COLEÇÃO THOMAS MANN

Coordenação

Marcus Vinicius Mazzari

A morte em Veneza e Tonio Kröger

Doutor Fausto

Os Buddenbrook

A montanha mágica

As cabeças trocadas

Confissões do impostor Felix Krull

O eleito

Thomas Mann

O eleito

Tradução
Claudia Dornbusch

Posfácio
Walnice Nogueira Galvão



Copyright © 1951 by S. Fischer Verlag GmbH, Frankfurt am Main
Copyright do posfácio © 2018 by Walnice Nogueira Galvão

*Graça atualizada segundo o Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor
no Brasil em 2009.*

A tradução desta obra recebeu o apoio do Goethe-Institut,
finanziado pelo Ministério das Relações Exteriores da Alemanha



Título original
Der Erwählte

Capa e projeto gráfico

RAUL LOUREIRO

Crédito da foto

ULLSTEIN BILD / GETTY IMAGES

Preparação

DANIEL MARTINESCHEN

Revisão

HUENDEL VIANA

FERNANDO NUNO

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Mann, Thomas, 1875-1955.

O eleito / Thomas Mann; tradução Claudia Dornbusch;
posfácio Walnice Nogueira Galvão. — 1ª ed. — São Paulo:
Companhia das Letras, 2018.

Título original: Der Erwählte.

ISBN 978-85-359-3170-9

i. Ficção alemã i. Galvão, Walnice Nogueira. ii. Título.

18-19876

CDD-833

Índice para catálogo sistemático:

i. Ficção : Literatura alemã 833

Maria Alice Ferreira — Bibliotecária — CRB-8/7964

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

SUMÁRIO

Nota da tradutora 9

O eleito II

Posfácio —

O eleito — A arte da paródia e da ironia,
Walnice Nogueira Galvão 241

Cronologia 265

Sugestões de leitura 269

NOTA DA TRADUTORA

Como se lê no capítulo que abre este livro, o texto de *O eleito* é uma mescla criativa de alemão moderno, francês arcaico, latim e outras línguas, muitas vezes amalgamadas em uma única expressão ou palavra, o que para o tradutor representa uma tarefa espinhosa e desafiadora. Nos trechos em língua estrangeira (quando no original alemão aparece, por exemplo, algum termo em francês arcaico misturado ao latim), há um esclarecimento em nota de rodapé, com manutenção da forma original em que ocorre no texto.

Em relação aos nomes próprios, alguns foram preservados em sua forma original, quando se tratava de um nome sem intenção irônica, mantendo um estranhamento medieval para o leitor de hoje; nos outros, tentou-se transportar a comicidade ou ironia do original para a versão em língua portuguesa, a fim de mostrar a atmosfera lúdica do texto. Exemplo disso é o personagem Herr Eisengrein, que para um leitor brasileiro não transmite qualquer intenção irônica, apenas estranhamento. Mas quando o traduzimos — como foi feito — por sr. Choraferro, a recepção é outra.

Ao longo do texto, aparecem muitos termos que designam funções específicas nas cortes medievais, apresentando assim um novo desafio, uma vez que são desconhecidas de muitos leitores de hoje. É o caso de senescal (supervisor da corte e das finanças, mordomo-mor), gurvenal (preceptor), entre outros. Há que se mencionar também todo um aparato técnico-semântico de armaduras, cavaleiros, amor de cavalaria, religiosidade, vestes religiosas, pescaria, mar etc., o que demanda uma pesquisa profunda em vários idiomas. Citem-se aqui ainda os diálogos travados entre os pescadores da ilha de São Dunstan e o abade, que

mesclam uma pseudoerudição com um linguajar rude e popularesco. Assim, para preservar o tom oral e coloquial desse modo de falar, e também para marcar a diferença de registro entre um tipo de linguagem e outro, essa parte do texto contém “erros” gramaticais intencionais, sobretudo de concordância.

Para solucionar muitas das questões referentes a essa linguagem fictícia criada por Thomas Mann em sua Idade Média peculiar (“elas escorrem umas para dentro das outras na minha escrita e se tornam uma coisa só: a linguagem”), foi de enorme ajuda a tese de doutorado de Carsten Bronsema, apresentada à Universidade de Osnabrück em 2005, que traz um glossário específico e exaustivo dos termos criados, transformados ou absorvidos pelo escritor em *O eleito*, detalhando a formação de palavras, as fontes pesquisadas e o uso das citações.

Além disso, Mann mistura ao texto em prosa alguns trechos rimados em verso, o que exige alguma adaptação para que se mantenham as rimas, que têm efeito cômico. Também se misturam as formas de tratamento, ora respeitosas, ora íntimas. O que pode parecer erro de tradução é, na verdade, tratamento divergente, e isso é intencional por parte do autor, devendo ser preservado dessa forma — tu, vós, você, vossa senhoria, vossa santidade etc.

As orações longas, encadeadas, separadas apenas por ponto e vírgula, parênteses, travessões, apostos longos, que são uma das principais marcas estilísticas de Thomas Mann, precisaram ser mantidas, na medida do possível, no intuito de não perder o colorido original do texto de um dos maiores prosadores do século xx. Em vez de desmembrar as orações, tentou-se preservar a dicção do autor o máximo possível, mesmo correndo o risco de o texto parecer pouco fluido em português.

O eleito

QUEM TOCA OS SINOS?

Eco de sinos, enxurrada de sinos *supra urbem*,* por toda a cidade, em seus ares repletos de som! Sinos, sinos, eles vibram e volteiam, ondulam e oscilam abrindo movimento em seus vergalhões, em seus campanários, cem vozes numa confusão babilônica. Lerdos e ligeiros, roncando e rutilantes — não há aí nenhuma medida de tempo nem harmonia, todos falam ao mesmo tempo e todos se interpelam, interpelam também a si próprios; ressoam os badalos e não dão tempo ao metal excitado para que termine de ressoar, pois já ressoam, pendulares, em outra borda, na própria ressonância, isto é, quando ainda ecoa o “*In te Domine speravi*”,** já ecoa também o “*Beati, quorum tecta sunt peccata*”,*** mas se mescla aí o badalo fino de locais menores, como se o coroinha soasse o sininho da transubstanciação.

Dobram das alturas e das profundezas, dos sete lugares arquissagrados de peregrinação e de todas as igrejas pastorais das sete dioceses que ladeiam o rio Tibre duplamente arqueado. Dobram do Aventino, dos santuários do Palatino e de São João de Latrão, tocam sobre o sepulcro daquele que conduz as chaves, na colina do Vaticano, de Santa Maria Maggiore, no Foro, em Domnica, no Cosmedin e em Trastevere, de Ara Celi, São Paulo Fora das Muralhas, São Pedro Acorrentado e da Casa da Cruz Sagrada em Jerusalém. Mas também dobram das capelas dos cemitérios, dos telhados das igrejas-salão e dos oratórios nas vielas. Quem diz os nomes e sabe dos títulos? Como soa quando o

* “Sobre a cidade.” [Esta e as demais notas de rodapé são da tradutora.]

** “Em ti, Senhor, acreditei.”

*** “Bem-aventurados aqueles cujos pecados são remidos.”

vento, quando a tempestade esbraveja nas cordas da harpa eólica e todo o mundo sonoro está desperto, o que está bem longe e bem próximo, em harmonia geral sussurrante: é assim, traduzido para o metal, que se passa tudo isso nos ares prestes a explodir, já que tudo está dobrando para a grande festa e a nobre entrada.

Quem toca os sinos? Não são os sineiros. Esses correram para a rua, como todo o povo, já que o som é impressionante. Convencei-vos: os campanários estão vazios. As cordas estão penduradas, frouxas, e mesmo assim os sinos tocam, os badalos ressoam tonitruantes. Diríamos que *ninguém* os toca? — Não, somente uma cabeça sem gramática e sem lógica seria capaz de tal afirmação. “Os sinos tocam”, isto é: eles são tocados, por mais vazios que estejam os campanários. — Então, quem toca os sinos de Roma? — *O espírito da narrativa*. — Mas será que ele pode estar em todo lugar, *hic et ubique*,* por exemplo, ao mesmo tempo na torre de São Jorge em Velabro e lá em cima na Santa Sabina, que abriga as colunas do terrível templo de Diana? Em cem lugares sagrados ao mesmo tempo? — Decerto, ele é capaz disso. Ele é etéreo, incorpóreo, onipresente, não se submete à diferença entre Aqui e Ali. É ele quem diz: “Todos os sinos tocavam”, e, portanto, é ele quem os toca. Esse espírito é tão espiritual e tão abstrato, que gramaticalmente só se pode falar dele na terceira pessoa, sendo possível apenas dizer: “É ele”. E, mesmo assim, ele pode se condensar numa pessoa, mais especificamente a primeira, e se personificar em alguém que fala em primeira pessoa e diz:

— Sou eu. Eu sou o espírito da narrativa que, sentado em seu local atual, a saber, a biblioteca do mosteiro de Sankt Gallen na Alamânia, onde outrora esteve sentado Notker, o Gago, vos narra esta história como entretenimento e para extraordinário enlevo, na medida em que inicio com o seu final misericordioso e toco os sinos de Roma, *id est*: relato que naquele dia da entrada todos começaram a tocar sozinhos.

Contudo, para que a segunda pessoa grammatical também tenha vez, a pergunta é: quem és tu que, dizendo Eu, estás sentado à mesa de Notker, e personificas o espírito da narrativa? — Eu sou Clemens, o Irlandês, *ordinis divi Benedicti*,** aqui de visita como hóspede fraternalmente acolhido e mensageiro de meu abade Kilian do mosteiro Clonmacnois, minha casa na Irlanda, para que eu preserve as antigas relações que continuam existindo desde os dias de Columbanus e Gallus entre a minha

* “Aqui e em todo lugar.”

** “Da Ordem de São Bento.”

pátria e esta firme fortaleza de Cristo. Em minha viagem, visitei um grande número de locais de sapiência devota e de sedes de atividades artísticas como Fulda, Reichenau e Gandersheim, Santo Emmeram em Regensburg, Lorsch, Echternach e Corvey. Mas aqui, onde os olhos se refestelam com evangeliários e saltérios com tão preciosas iluminuras em ouro e prata sobre púrpura com toques de cinábrio, verde e azul, onde os irmãos cantam em coro tão agradável a litania sob a regência do mestre, como eu nunca ouvira antes, onde a recomposição do corpo é excelente, não esquecendo o vinhozinho delicioso que é servido como acompanhamento, e como após as refeições todos se reúnem tão aprazivelmente em torno da fonte no pátio: foi aqui que fiquei por um pouco mais de tempo, residindo numa das celas sempre disponíveis para hóspedes, na qual o mui honrado abade, Gozbert de nome, teve a deferência de colocar para mim uma cruz irlandesa, onde se veem retratados um cordeiro enlaçado por serpentes, a *arbor vitae*,^{*} uma cabeça de dragão com a cruz na bocarra aberta e Ecclesia colhendo o sangue de Cristo numa taça, enquanto o Diabo busca roubar um gole e uma abocanhada. A peça é testemunho da primeira época áurea da nossa artesania irlandesa.

Sou muito ligado à minha pátria, a ilha de São Patrício, tão rica em baías, com seus pastos, cercas vivas e pântanos. Por lá, os ares são úmidos e suaves, assim como é suave o ar vital de nosso mosteiro Clonmacnois, quero dizer: voltado a uma formação domada por moderada ascese. Juntamente com nosso abade Kilian, sou da opinião firme de que a religião de Jesus e o cultivo de estudos clássicos devem andar de mãos dadas no combate à rudez, de que é a mesma ignorância que nada sabe nem de um nem do outro, e de que onde aquela estabeleceu raízes, sempre também este se expandirá. De fato, a qualidade da formação da nossa irmandade é considerável e, segundo a minha experiência, superior até mesmo à do clero romano, que muitas vezes é bem pouco tocada pela sabedoria da Antiguidade, e cujos membros até agora escrevem um latim lastimável — mas que não é tão ruim quanto o dos monges alemães, dos quais um, embora agostiniano, recentemente me escreveu: “*Habeo tibi aliqua secreta dicere. Robustissimus in corpore sum et saepe propterea temptationibus Diaboli succumbo*”.^{**} Isso é difícil de suportar, tanto estilisticamente quanto em geral, e nunca uma

* “Árvore da vida.”

** “Tenho a te dizer algo secreto. Meu corpo é muito forte, motivo pelo qual muitas vezes sucumbo às tentações do Diabo.”

coisa tão grosseira poderia ter saído de uma pena romana. Aliás, seria equivocado acreditar que eu queira falar mal de Roma e de sua supremacia, pois me vejo como seu fiel adepto. Pode ser que nós, monges irlandeses, sempre tenhamos sido instados a prezar a independência de ação, e em muitas regiões do continente pregamos primeiro a doutrina cristã e também obtivemos sucessos extraordinários, na medida em que erigimos em todo lugar mosteiros como bastiões da fé e da missão, na Borgonha e na Frísia, na Turíngia e na Alamânia. Isso não impede que desde sempre tenhamos reconhecido o bispo em Latrão como o chefe da Igreja cristã e visto nele um ser de natureza quase divina, considerando, no máximo, o local da ressurreição divina como mais sagrado que São Pedro. Pode-se dizer, não incorrendo aí em mentira, que as igrejas de Jerusalém, Éfeso e Antioquia são mais antigas que as romanas, e se Pedro, cujo nome inabalável nos faz pensar de mau grado em certos cantos de galo, fundou a diocese de Roma (e ele a fundou), então o mesmo vale irrefutavelmente para a comunidade de Antioquia. Mas essas coisas só podem ter o papel de observações passageiras à margem da verdade de que, em primeiro lugar, nosso Senhor e Salvador, como se lê em Mateus (e, aliás, só nele), nomeou Pedro seu vassalo aqui nesta terra, mas que este transferiu o vicariato ao bispo romano e assim lhe concedeu primazia sobre todos os episcopados do mundo. Leiamos em decretais e protocolos dos tempos primeiros a fala que o próprio apóstolo proferiu na ordenação de seu primeiro sucessor, o papa Lino, o que considero uma verdadeira prova de fé e um desafio ao espírito para que demonstre a sua força e mostre o que é capaz de operar.

Em minha qualidade tão mais modesta de encarnação do espírito da narrativa, tenho todo o interesse de que comigo se veja a vocação para a *sella gestatoria** como a mais elevada e abençoada das eleições. E um sinal de minha devoção a Roma já de início é o fato de eu usar o nome Clemens. Porque meu nome real é Morhold. Mas nunca gostei desse nome, já que me parecia selvagem e pagão, e, junto com o hábito, vesti aquele do terceiro sucessor de Pedro, de modo que na túnica acinturada e no escapulário não mais circula o Morhold ordinário, mas um Clemens refinado e no qual se realizou o que São Paulo aos Efésios chamou tão felizmente de “vestimenta de um novo homem”. Sim, já não há mais o corpo carnal que circulava na roupa daquele Morhold, mas um corpo espiritual que o cíngulo circunda — um corpo, portanto,

* Liteira dourada do papa.

não mais no sentido em que minha fala anterior teria sido totalmente aceitável, de que algo, ou seja, o espírito da narrativa, se “incorporava” em mim. Eu nem gosto muito desse termo, “incorporação”, já que ele deriva de corpo, e do corpo carnal do qual me despi juntamente com o nome Morhold, e que sempre é um domínio de Satã, que o capacita e ordena para atos terríveis, dos quais mal se comprehende por que ele não se recusa a fazer. Por outro lado, ele é portador da alma e da razão divina, sem o qual estas perderiam a base, de modo que devemos chamar o corpo de um mal necessário. Este é o reconhecimento que lhe é devido, não merecendo algo mais jubiloso diante de sua miséria e repulsividade. E como, diante da iminência de contar uma história ou renová-la (pois ela já foi contada, até mesmo várias vezes, se bem que de forma insuficiente), essa história transbordante de horrores do corpo, dando prova terrível de como o corpo, sem titubear ou fracassar, se presta a todo tipo de coisa — como se estaria disposto a fazer grande fama por ser uma incorporação!

Não, assim que se condensou em minha pessoa monástica, chamada de Clemens, o Irlandês, o espírito da narrativa conservou muito daquele caráter abstrato que o capacita a tocar os sinos de todas as basílicas titulares da cidade, e a seguir citarei duas características disso. Em primeiro lugar, o leitor deste manuscrito não deve ter percebido, mas isso merece menção, que eu lhe forneci a indicação do lugar onde me encontro sentado, a saber: Sankt Gallen, à mesa de Notker, mas não disse a que horas, em que ano e século do nascimento de nosso Salvador me encontro sentado aqui, recobrindo o pergaminho com minha escrita pequena e refinada, erudita e ornamentada. Não há nenhum ponto de referência para tanto, e nem mesmo o nome Gozbert do nosso abade o é. Ele se repete várias vezes ao longo do tempo e, quando se busca alcançá-lo, transforma-se facilmente em Fridolin ou Hartmut. Se me perguntarem em tom de brincadeira ou de maldade se eu mesmo sei *onde* estou, mas não *quando*, respondo com simpatia: não há nada a saber, pois, como personificação do espírito da narrativa, tenho a sorte de possuir aquele caráter abstrato, do qual agora indico a segunda característica.

Pois é aí que escrevo e me preparo para contar uma história ao mesmo tempo terrível e altamente edificante. Mas é absolutamente incerto em que língua escrevo, se em latim, francês, alemão ou anglo-saxão, e na verdade tanto faz, pois se, por exemplo, escrevo em thiudisc,* língua

* Alemão.

que falam os alamanos que habitam a Helvécia, amanhã estará escrito em britânico no papel, e será um livro britúnico* que terei escrito. De modo algum afirmo dominar todas essas línguas, mas elas escorrem umas para dentro das outras na minha escrita e se tornam uma coisa só: a linguagem. Pois a situação é que o espírito da narrativa é um espírito solto até a abstração, cujo recurso é a língua em si e, como tal, a própria linguagem, que se coloca como absoluta e não se importa muito com dialetos e deuses linguísticos nacionais. Na verdade, isso seria politeísta e pagão. Deus é espírito, e acima das línguas está a linguagem.

Uma coisa é certa: escrevo prosa e não versinhos, pelos quais, aliás, não nutro nenhum grande apreço. A esse respeito, encontro-me, antes, na tradição de Carlos Magno, que foi não apenas um grande legislador e juiz dos povos, mas também o patrono da gramática e um fomentador versado da prosa correta e pura. É bem verdade que ouço dizerem que só o metro e a rima permitem a forma rígida, mas gostaria de saber por que esse saltitar sobre três ou quatro pés iâmbicos — sendo que a todo tempo há tropeços datílicos e anapésticos — e um pouco de assonância divertida das palavras finais representariam uma forma mais rígida diante de uma prosa bem estruturada, com seus compromissos rítmicos tão mais refinados e secretos; e se eu quisesse começar assim, por exemplo:

*Havia um príncipe, nommé Grimaldo,
O derrame o fez gelado.
Filhos deixou, um belo par,
Ai, que dupla para pecar!*

ou coisa parecida — questiono se essa seria uma forma mais rígida do que a prosa gramaticalmente sólida, na qual passarei agora a recitar minha história de graças e que conceberei de forma tão modelar e apresentarei com tamanha validade, que muitos pósteros, franceses, ingleses e alemães beberão dessa fonte e tecerão suas riminhas sobre essa base.

Isto posto, inicio como segue.

* Bretão.